

AS INDÚSTRIAS LANG, RITTER E SUL RIO-GRANDENSE, TESTEMUNHOS REMANESCENTES DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE PELOTAS

**CLEONICE TEREZINHA GONÇALVES DE MORAIS¹; CARLOS ALBERTO ÁVILA
SANTOS³**

¹Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes1 – cleonice.tgm@gmail.com1

³Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes – betosant@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado parcial de pesquisa realizada no Curso de Especialização em Artes, Terminalidade de Patrimônio Cultural. O estudo investigou três indústrias implantadas no espaço urbano da cidade de Pelotas: a fábrica de velas, sabão e sabonetes *F. C. Lang*, de Frederico Carlos Lang; a *Cervejaria Carlos Ritter & Irmão*, de Carlos Ritter e a *Cervejaria Sul Rio-grandense*, de Leopoldo Haertel, construídas no final do século XIX. O interesse pelo assunto partiu do Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais (TCC), modalidade licenciatura, que buscou relevar a importância que os industriais teuto-brasileiros: Carlos Ritter, Leopoldo Haertel e Frederico Carlos Lang exerceram no desenvolvimento cultural de Pelotas, e a contribuição deixada por eles para o progresso econômico da cidade, através dos estabelecimentos fabris.

A pesquisa justifica-se pelo fato de que existem lacunas na bibliografia pesquisada sobre as fábricas analisadas, e pela importância destas por fazerem parte da história do município. São registros materiais da memória de um tempo áureo de desenvolvimento da cidade de Pelotas. A abordagem teórica do trabalho foi construída a partir de revisão bibliográfica sobre o tema, subdividida em: início da industrialização da cidade de Pelotas; o conceito de patrimônio histórico e industrial; a análise formal da estética arquitetônica das fábricas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica constitui-se como proposta metodológica, através de análises das fontes documentais, entre as quais: livros e catálogos, monografias, dissertações e teses acadêmicas, e jornais antigos encontrados na seção de jornais e obras raras da Biblioteca Pública Pelotense, que discorreram sobre o tema pesquisado. A abordagem da pesquisa é classificada como qualitativa, pelo exame de dados através das fontes documentais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não há como falar da industrialização em Pelotas sem nomear a manufatura saladeiril, cujo apogeu de produção ocorreu entre os anos de 1860 e 1890 (MAGALHÃES, 1993). A exportação do charque e de seus subprodutos enriqueceu em pouco espaço de tempo os proprietários das salgas pelotenses, decorreu no desenvolvimento do comércio e dos estabelecimentos de serviços, contribuiu para a próspera economia do município durante os anos de 1870 e 1931 (SANTOS, 2007). Esta época é definida como o período áureo da cidade, exemplificado pela opulência do casario eclético edificado no espaço urbano, que hoje constitui parte do patrimônio cultural local.

As charqueadas eram manufaturas complexas, nas quais eram curtidos os couros, salgadas as carnes, extraídas as gorduras e queimados os ossos para fertilizantes. As atividades dos diferentes setores consumiam grande número de mão de obra escrava. A localização de Pelotas junto aos veios navegáveis – o arroio Pelotas, o canal São Gonçalo e a laguna dos Patos – permitiram a exportação do charque e de seus subprodutos através do porto de Rio Grande, e possibilitaram as importações das mais variadas mercadorias originadas dos países europeus, que eram distribuídas para as cidades do interior do território através da navegação ou pela estrada de ferro (SANTOS, 2007).

O acúmulo de capital e o desenvolvimento do comércio atraíram populações do interior da zona da campanha, de outras Províncias e de imigrantes europeus, que em Pelotas se instalaram e criaram novos empreendimentos comerciais. A cidade ascendeu como principal centro econômico do sul do Rio Grande do Sul. Com o impulso da economia, a paisagem urbana foi remodelada e adotaram-se os costumes burgueses segundo o gosto europeu.

A Fábrica *F. C. Lang & Cia*, de Frederico Carlos Lang, iniciou suas atividades em 1864, com a fabricação de sabão comum e velas de sebo, aproveitando a matéria-prima fornecida pelas charqueadas. Pelo fato de não haver iluminação elétrica na época, a vela era uma mercadoria bastante consumida pelo mercado. Devido à boa qualidade da produção e, com o aumento da procura dos produtos, Lang ampliou a fábrica, e para isso foi obrigado a comprar a chácara de João Cirer, situada na estrada da Costa (atualmente Avenida Domingos de Almeida), em terreno próximo ao arroio Pepino. Inicialmente isolada em arrabalde, a *F. C. Lang & Cia*. foi alcançada e envolvida pelas construções de diferentes prédios que constituíram o bairro da Luz (CUNHA, 1911).

O complexo fabril compreendia uma série de edifícios com vários pavimentos, e um conjunto de galpões térreos, dos quais se destacavam as chaminés da indústria. A empresa foi fechada no ano de 1994 (OLIVEIRA et all, 2002), restando na área as antigas construções fabris. Atualmente, parte dos pavilhões da fábrica foi destruída para a construção de prédios residenciais, mas permanecem ainda no lugar alguns edifícios e, uma das chaminés da antiga indústria. Porém, a história da *F. C. Lang & Cia*. não pode ser esquecida, pois faz parte da memória da sociedade local, de um tempo áureo de prosperidade de Pelotas. Do estabelecimento industrial ficaram apenas as ruínas, testemunhos materiais da atividade fabril na cidade, que outrora foi muito rica e uma das mais significativas do Estado.

A *Cervejaria Ritter*, de Carlos Ritter, foi fundada em 1870, primeiramente instalada na Rua 24 de Outubro, atual Rua Tiradentes, sobre a margem esquerda do arroio Santa Bárbara, “em um casebre situado no interior de um terreno tomado por aluguel a Procópio Gomes de Oliveira” (Almanach de Pelotas, 1913, p. 101). Mais tarde, com o desenvolvimento da fábrica, Ritter transferiu a firma para outro local, situado à Praça Floriano Peixoto, junto à ponte do antigo arroio Santa Bárbara, sob os números 102 e 104. O prédio ocupou grande lote de terreno, aproveitou do subsolo, onde foram cavados os porões. O edifício assobradado, com telhados sobrepostos, em duas águas, continha na fachada principal doze aberturas (Ibid). Nos fundos do lote se elevava a chaminé.

Em 1884, o irmão de Carlos Ritter, Frederico Jacob Ritter, associou-se à fábrica, depois de voltar da Alemanha onde aprendeu o fabrico teórico e prático da cerveja. Dessa união, surgiu a premiada firma *Carlos Ritter & Irmão*, que também investiu no lucrativo negócio de colonização da Serra dos Tapes, fundando nos

arredores de Pelotas as colônias Santa Rita, Visconde da Graça e Ritter, todas formadas por imigrantes alemães. Em 1898, com a intenção de aperfeiçoar a produção e o beneficiamento da cerveja, a empresa começou a produzir gelo. A fábrica criou as cervejas: “Pelotense” (branca, preta ou escura) “Pilsen”, “Ritter Brau Preta” e “Maerzen” (ANJOS, 2000, p. 98).

Foi o único estabelecimento na época, no Brasil, a preparar o malte nacional, com instalações apropriadas. Dispôs de um excelente laboratório químico, atendido por um engenheiro-cervejeiro, formado em academia alemã. Produziu, na virada do século, “4.5 milhões de garrafas por ano” (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006. p. 5). A empresa figurou nas principais exposições nacionais e internacionais, obtendo medalhas de ouro, prata e um Grande Prêmio (Almanach de Pelotas, 1913, p. 103). Além de cerveja, a fábrica *Ritter* produziu as gasosas: “Popular” e “Siffon” e a água mineral “Celeste” (COSTA, 1922, p. 84).

A *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, do Capitão Leopoldo Haertel, foi fundada em 1889, situada na zona portuária da cidade, no quarteirão formado pelas ruas Benjamin Constant, Conde de Porto Alegre, José do Patrocínio e João Pessoa. Funcionou, originalmente, na Rua Conde de Porto Alegre, nº44, num pequeno prédio tomado em aluguel. Depois, foi estabelecida na Rua Benjamin Constant, nº 51, “em um sobrado com oito aberturas de frente”. A indústria de Leopoldo Haertel fabricava as cervejas “Peru”, “Porco” e “São Luiz”, também produzia águas gasosas de “syphon” e gelo (Almanach de Pelotas, 1913, p. 104 e 105). A sua localização próxima ao porto da cidade facilitou a exportação de muitos desses produtos. Na Grande Exposição Estadual de 1901, a *Cervejaria Sul Rio-Grandense* foi premiada com medalha de bronze, pela fabricação da cerveja “Culmbacher”. Em 1911, a empresa alcançou a produção de “6 milhões de garrafas por ano, além de gelo e gasosas, empregando 250 operários” (PEIXOTO e CERQUEIRA, 2006. p. 5).

4. CONCLUSÕES

Este trabalho enfocou a fábrica de velas, sabão e sabonetes *Lang & Cia*, de Frederico Carlos Lang, a *Cervejaria Ritter & Irmão*, de Carlos Ritter, e a *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, de Leopoldo Haertel. Essas fábricas fundadas na área urbana da cidade no final do século XIX tiveram grande prestígio junto à comunidade pelotense, dado que receberam prêmios regionais, nacionais e internacionais. Hoje, grande parte dos três edifícios fabris foi reformada, ou se encontra arruinada. Mesmo assim, essas ruínas são exemplos materiais que registram a industrialização da cidade na época, e o envolvimento dos imigrantes alemães com o desenvolvimento econômico e cultural de Pelotas. Nesse sentido, a Universidade Federal de Pelotas adquiriu as ruínas da *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, de Leopoldo Haertel, que estão sendo adaptadas para um espaço de cultura. Dessa forma, esses exemplos materiais de um tempo pretérito, não só preservam o patrimônio arquitetônico da cidade. Somam-se aos bens intangíveis introduzidos pelos imigrantes alemães no cotidiano pelotense, que ampliaram a cultura local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX. Pelotas: Ed. UFPel, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.

COSTA, Alfredo da. **O Rio Grande do Sul**: completo estudo sobre o estado. Pelotas: Globo, 1922.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Notícia Descritiva das Fábricas de Pelotas**. Manuscrito, Biblioteca Pública, 1911.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Ed. UFPel/Mundial, 1993.

OLIVEIRA, Ana Lúcia et al. Dossiê: **A chaminé, a fábrica e as moradas de Frederico Carlos Lang**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPel, 2002.

OSÓRIO, Fernando Luis. **A Cidade de Pelotas**. Porto Alegre: Globo, 1962.

PEIXOTO, Luciana da Silva e CERQUEIRA, Fábio Vergara. **Salvamento Arqueológico do Centro Histórico de Pelotas RS/Brasil** (Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da SAB/SUL). Rio Grande, 2006.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil**: 1870-1931. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - Área de Conservação e Restauro) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 2007.

Almanach de Pelotas. 1913 (pp. 101, 103 e 105). Acessado em 15 julho 2013. Online. Disponível em: www.ufpel.edu.br/iad/memoriagraficadepelotas